

FRANÇA

IMPOPULARIDADE RECORDE

Com 10 dias no cargo e sem sequer ter montado o novo governo, premiê teve sua nomeação rechaçada por dois terços dos entrevistados em consulta divulgada ontem. O índice de insatisfação supera amplamente os de seus antecessores

O político centrista François Bayrou mal foi nomeado para o cargo de primeiro-ministro da França e já atrai uma desaprovação expressiva da população, um balde de água fria para o presidente Emmanuel Macron, que enfrenta uma grave crise política. Pesquisa divulgada ontem mostra que 66% dos entrevistados reprovam a indicação do premiê.

Apenas 34% dos consultados na pesquisa Ifop-JDD, publicada no *Journal du Dimanche*, afirmaram que estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a designação do centrista, anunciada por Macron no último dia 13, após a moção de censura que destituiu o conservador Michel Barnier.

O instituto, que faz esse tipo de consulta há várias décadas, assinalou que nunca havia sido registrado uma impopularidade tão elevada para um primeiro-ministro que acaba de assumir o cargo. O índice de insatisfação com sua nomeação supera amplamente as designações de seus antecessores: Barnier (55%), Gabriel Attal (46%) e Elisabeth Borne (43%).

Bayrou foi nomeado pelo presidente Macron após um longo processo de consultas para encontrar o sucessor de Barnier, cujo governo minoritário foi derrubado pelos deputados após três meses no cargo. Presidente do centrista Movimento Democrático (MoDem), ele se tornou o quarto primeiro-ministro de Macron em 2024.

“Ninguém conhece melhor do que eu a dificuldade da situação (política e orçamentária) da França”, disse o novo premiê, em seu primeiro pronunciamento, logo após ser nomeado para chefiar o governo. Bayrou defendeu a “reconciliação” para superar a instabilidade política e encarar o “Himalaia” que tem “pela frente”.

Gabinete

A expectativa é a de que Bayrou forme seu gabinete a

AFP



Ninguém conhece melhor do que eu a dificuldade da situação (política e orçamentária) da França”

François Bayrou,
premiê francês

qualquer momento para apresentar um orçamento, que precisa ser aprovado em uma Assembleia Nacional profundamente dividida. Na quinta-feira passada, em entrevista à emissora pública France 2, ele disse que deveria formar um governo antes do Natal.

“Espero que possamos tê-lo (o orçamento) em meados de fevereiro. Não estou certo de poder fazê-lo”, afirmou, assinalando que tomaria como base o texto que estava sendo negociado antes da queda do governo de Barnier. Ele também externou o desejo de manter o até agora ministro do Interior, Bruno Retailleau, no novo Executivo.

2.004

Total de pessoas consultadas pelo Ifop-JDD para a pesquisa divulgada no *Journal du Dimanche*

No mesmo dia da entrevista, Bayrou se reuniu com as forças políticas, com exceção da esquerda radical e da extrema esquerda, e as convidou para se unirem a seu governo.

Embora o Palácio do Eliseu tenha defendido Bayrou como o “candidato mais consensual” para “dialogar” com os demais partidos com vistas a uma “estabilidade” — exceto a extrema direita e a esquerda radical —, sua nomeação ficou no limbo horas antes de ser anunciada.

Segundo uma pessoa próxima do presidente relatou à agência France Presse (AFP), Macron queria nomear um de seus aliados mais chegados, o ministro da Defesa, Sébastien Lecornu. A ideia foi logo afastada por intervenção do próprio Bayrou, até então prefeito de Pau, no sudoeste da França, que ameaçou romper com a aliança governista.

“Na longa história da Quinta República [iniciada em 1968], essa pode ter sido a primeira vez em que um primeiro-ministro elege a si próprio”, afirmou Mutjaba Rahman, analista do Eurasia Group, para quem o novo premiê agora deverá se aproximar da esquerda para aprovar o orçamento. Uma tarefa desafiadora.

Pequena melhora

Se desastrosa para Bayrou, a pesquisa divulgada ontem, em que foram ouvidas 2.004 pessoas, indica uma leve melhora na avaliação do presidente. O índice de pessoas satisfeitas com o governo Macron subiu 2% na

comparação com mês anterior e chegou a 24%, mas a taxa de insatisfeitos permanece muito superior, com 76%.

O diretor do instituto Ifop, Frédéric Dabi, atribui o pequeno avanço da avaliação de Macron à reabertura da Catedral de Notre-Dame, em Paris, onde o presidente francês conseguiu reunir o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky.

“Emmanuel Macron ganha um pouco de fôlego na distinção da função presidencial que ele ocupa em comparação com o restante dos políticos”, disse Dabi ao *Journal du Dimanche*.

SÍRIA

Líder quer facções no Exército

Duas semanas depois da deposição de Bashar al-Assad, o novo líder sírio garantiu que todas as armas do país ficarão sob o controle do Estado. Ahmed al-Sharaa também afirmou que colocará fim à “interferência negativa” de Damasco no Líbano, em um encontro com o chanceler turco, Hakan Fidan. A Turquia apoiou alguns dos grupos insurgentes na ofensiva que, em 11 dias, puseram fim a mais de meio século do regime do clã Assad.

Também conhecido pelo nome de guerra, Abu Mohamad al-Jolani, o líder assegurou que as facções armadas devem começar a anunciar sua dissolução e se integrar ao Exército. “Não permitiremos de nenhuma maneira que haja armas que escapem do controle do Estado, sejam originárias de facções revolucionárias ou de facções presentes na área das FDS (Forças Democráticas da Síria, dominadas pelos curdos)”, afirmou o líder rebelde.

Al-Sharaa reiterou também que trabalharia para proteger as minorias de “forças externas que tentam provocar discórdias sectárias”, e ressaltou a importância da “convivência” na Síria, um país multiétnico e multirreligioso. Ontem, ele recebeu os líderes da comunidade drusa libanesa Walid e Taymur Jumblatt, um grupo religioso disperso entre Líbano, Síria e Israel. Essa foi a primeira reunião com um dirigente libanês, que durante décadas sofreu a interferência do regime de Assad, ao qual atribuem muitos assassinatos no país vizinho.

Líbano

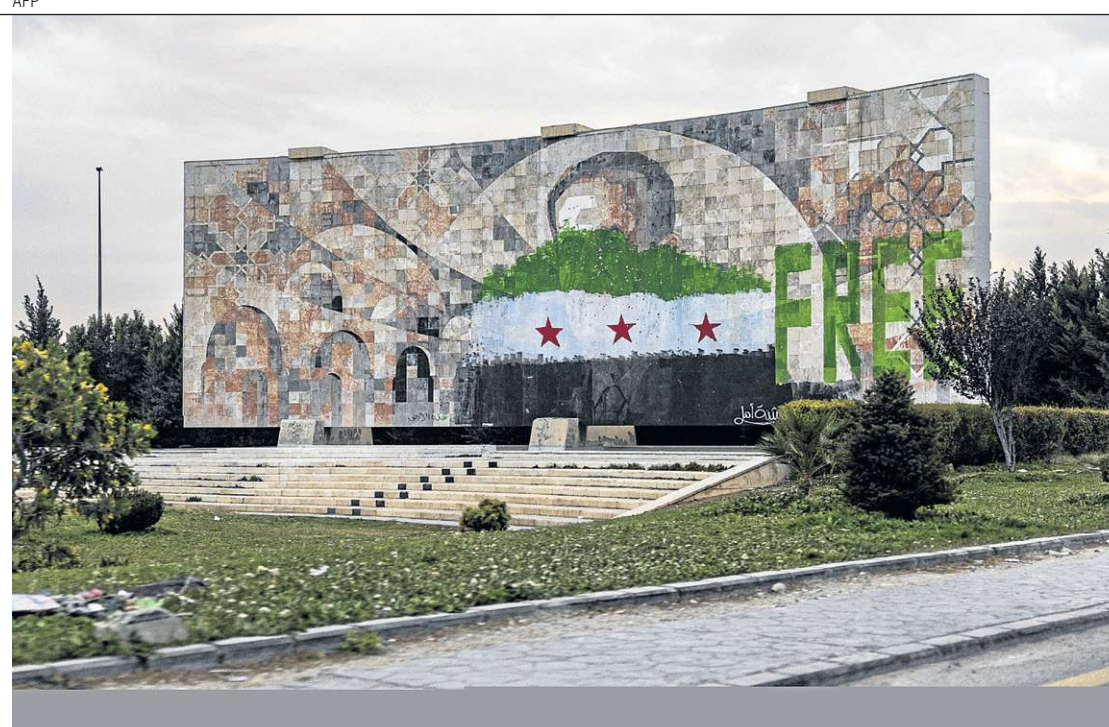
“A Síria não exercerá qualquer interferência negativa no Líbano”, assegurou Al-Sharaa, que recebeu a delegação de terno e gravata, no palácio presidencial. “Respeitamos a soberania libanesa, a unidade de seus territórios, a independência de suas

decisões e sua estabilidade em termos de segurança”, declarou o líder, que pediu para os libaneses “apagarem da memória a antiga Síria no Líbano”.

Walid Jumblatt acusa o governo sírio pelo assassinato de seu pai, Kamal Jumblatt, em 1977, durante a guerra civil libanesa (1975-1990). O líder druso, que cumprimentou o povo sírio por ter “se livrado da tirania e da opressão”, pediu o julgamento de “todos os que cometeram crimes contra libaneses”.

A chegada ao poder dos islamistas sunitas do grupo Hayat Tahrir al-Sham (HTS), considerado uma organização terrorista pelos Estados Unidos e por outros países, provocou uma preocupação que o grupo tenta dissipar. As novas autoridades serão acompanhadas de perto no tratamento que derem às minorias. Al-Assad, que pertence ao braço do islã xiita, se apresentava como um protetor desses grupos em um país de maioria sunita.

AFP



Na entrada de Damasco, a bandeira da independência cobre a imagem de Al-Assad: deposição

Após a queda e fuga de Bashar al-Assad, os Estados Unidos e a União Europeia intensificaram os contatos com os novos líderes do país. “A comunidade internacional deve se mobilizar

plenamente para garantir que a Síria volte a se erguer e que os deslocados retornem ao seu país”, instou o chefe da diplomacia turca, que defendeu a suspensão “o quanto antes” das

sanções internacionais contra a Síria. A Arábia Saudita, potência regional, também está em contato direto com as novas autoridades e enviará em breve uma delegação ao país.